

Seção de Livros

JONATHAN LIVINGSTON GAIVOTA



Condensado do Livro de
RICHARD BACH

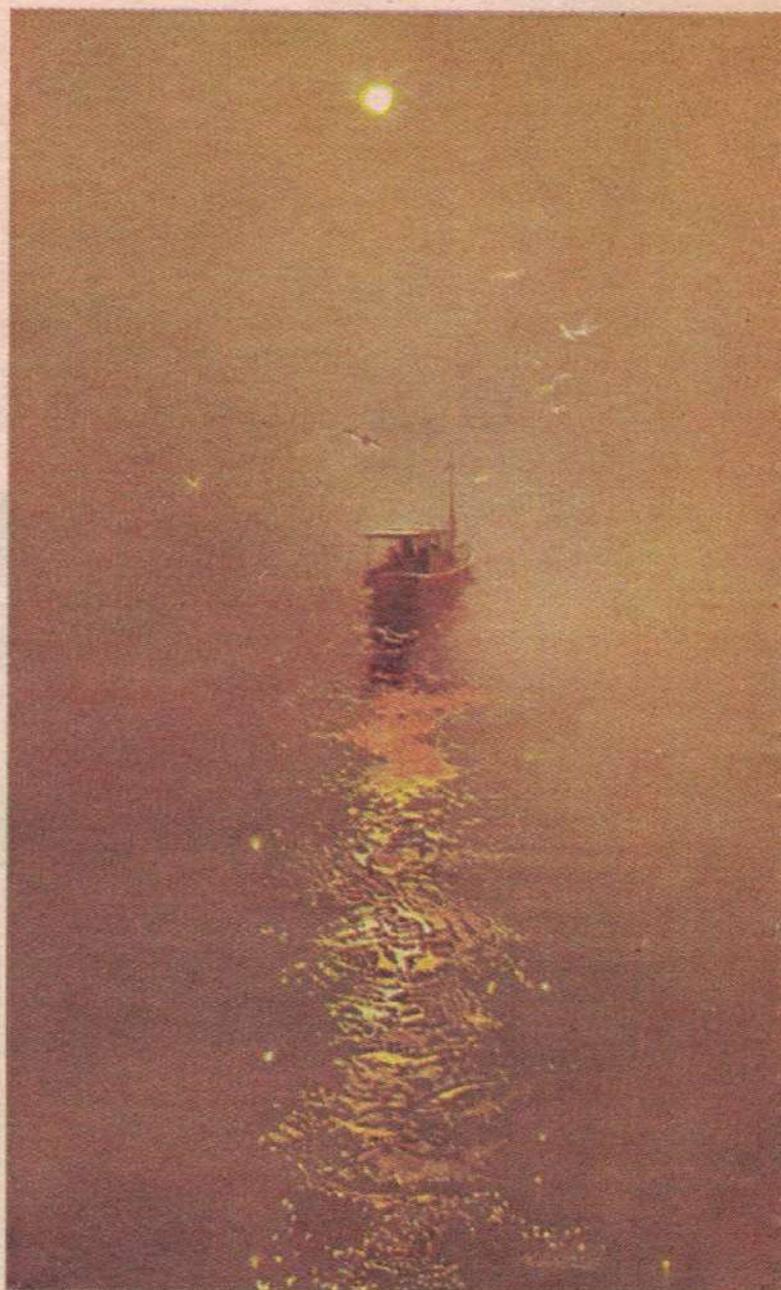
ALFENILE

JONATHAN LIVINGSTON GAIVOTA

Condensado do Livro de
RICHARD BACH

Richard Bach é um piloto — dessa raça especial de aviadores como Lindbergh, como Saint-Exupéry — que encontra em voar uma fonte constantemente renovada de mistério. Uma noite, há uns 10 anos, estava andando, sozinho, na Califórnia, quando ouviu uma voz que dizia bem claro: «Jonathan Livingston Gaivota». Voltando para casa, começou a escrever esta história. É sobre uma gaivota que não apenas fala, mas vive aventuras absolutamente fora do comum. A fábula ocorreu-lhe espontaneamente, mas, depois das primeiras 10 páginas, acabou a inspiração, e ficou sem fim.

Anos mais tarde, Bach acordou certa noite, de novo com o impulso de escrever. Desta vez, concluiu o livro. Publicado em 1970, passou quase despercebido pela crítica. Mas, como o próprio Jonathan, acabou sendo um altíssimo sucesso. Até hoje, quase 300.000 exemplares foram vendidos. Quando, finalmente, entrou nas listas americanas de best-sellers, foi considerado, inexplicavelmente, como «não ficção». O que talvez prove que há mais «verdade» em «Jonathan» que em muitas histórias verídicas.



ERA DE MANHÃ, e o Sol despejava ouro sobre a espuma do mar suave. A um quilômetro e meio da praia, um pescueiro lançava iscas na água, e o aviso percorreu o bando no ar, até que umas mil gaivotas apareceram, mergulhando e brigando pelos nacos de comida.

Mas lá longe, sozinho, além do barco e da praia, Jonathan Livingston Gaivota treinava. A 30 metros de altura, ele baixou seus pés chatos, ergueu o bico e fez força para segurar as asas numa curva difícil e penosa. Era obrigado a voar devagar para manter-se na curva, e diminuiu a velocidade até que o vento não era mais que um sussurro no seu rosto. Entrefechou os olhos na maior concentração, prendeu a respiração e forçou... agora... vamos... mais um pouquinho... a curva... Subitamente, suas penas agitaram-se, ele estolou e caiu.

As gaivotas, como se sabe, jamais vacilam, jamais estolam. Para elas, estolar em vôo é a vergonha e a desgraça.

Mas Jonathan Livingston Gaivota, sem encabular, metendo as asas de novo naquela curva difícil e que o fazia tremer todo — devagar... devagar, e estolando de novo — não era um pássaro comum.

A maioria das gaivotas não cuidam de aprender nada além dos rudimentos da arte de voar — da praia à comida, da comida à praia. Para essa maioria, o que interessa não é voar, é comer. Para essa

gaivota, entretanto, o importante era voar, e não comer. Mais que tudo na vida, Jonathan Livingston Gaivota amava voar.

Essa maneira de pensar, ele acabou descobrindo, não é a que torna uma gaivota popular entre as aves. Até os pais de Jonathan ficavam escandalizados vendo-o passar dias inteiros sozinho, fazendo centenas de passagens a baixa altitude, tentando.

Ele não sabia porquê, por exemplo, mas, quando voava sobre a água a uma altitude de menos da metade da envergadura das suas asas, ficava mais tempo no ar, com menos esforço. Vinha planando, e, quando tocava a superfície, com os pés colados ao corpo, não era aquele espadanar de água, mas um pouso longo e suave. Quando começou a pousar assim na praia, e depois vinha andando ao longo da sua pista na areia, aí é que seus pais ficaram mesmo escandalizados.

«Mas por quê, Jon? *Por quê?*» sua mãe perguntava. «Por que você não pode ser igual aos outros? Por que não *come*? Está que é penas e osso, meu filho!»

«Não faz mal ficar só penas e osso, mamãe. Quero só saber o que posso e o que não posso fazer no ar. Quero saber isso. É só o que eu quero saber.»

«Ouça aqui, Jonathan», disse um dia o pai, não inteiramente sem bondade. «O inverno está chegando. Haverá cada vez menos barcos e os peixes de superfície estarão na-

dando no fundo. Se você quer estudar, então estude sobre comida e como conseguiu-la.»

Jonathan balançava a cabeça, obediente. Durante alguns dias, tentou comportar-se como uma gaivota qualquer; tentou mesmo, gritando e brigando com o Bando, perto do cais e dos barcos de pesca, mergulhando atrás de restos de peixe e pão. Mas não dava.

É tudo tão sem sentido, pensava ele, deixando cair, de propósito, uma anchova arduamente conquistada para uma gaivota velha que o perseguia. Podia estar passando esse tempo todo aprendendo a voar. Há tanto que aprender!

Não demorou muito, e Jonathan Gaivota estava de novo sozinho, no mar alto, faminto, feliz, aprendendo. Seu tema era velocidade, e com uma semana de treino sabia mais sobre o assunto que a mais veloz gaivota viva.

De 300 metros de altitude, batendo as asas com toda a força, lançou-se num mergulho infernal em direção às ondas, e descobriu porque gaivotas não são dadas a violentos mergulhos a pique. Em apenas seis segundos, atingiu 110 quilômetros por hora, a velocidade em que as asas perdem a estabilidade no movimento ascendente.

Isso aconteceu vezes sem conta. Cuidadoso como era e operando com a máxima habilidade, em alta velocidade perdia o controle.

Subir a 300 metros. Toda a força à frente, e em seguida descer, batendo asas, num mergulho vertical.

Sempre nessa altura, sua asa esquerda ficava presa no movimento ascendente, ele virava violentamente para a esquerda, a asa direita descontrolava-se, e lá ia ele, num relâmpago, aos tombos, num parafuso selvagem. Dez vezes tentava, e de cada vez, quando passava os 110 quilômetros por hora, transformava-se numa massa de penas descontrolada e explodia contra a água.

Molhado de escorrer, finalmente achou que o segredo era ficar com as asas paradas em alta velocidade — bater até aos 80, e aí parar as asas.

Tentou de novo de 600 metros de altitude, entrando no mergulho o bico bem à frente, as asas bem abertas e paradas do momento em que passou os 80 quilômetros por hora. Em 10 segundos, passara de 140 quilômetros por hora, como uma bala. Jonathan acabara de estabelecer o recorde mundial de velocidade para gaivotas!

Mas a vitória durou pouco. No momento em que começou a sair do mergulho, assim que mudou o ângulo das asas, foi o mesmo desastre incontrollável, e, a 140 quilômetros por hora, com o efeito de dinamite, Jonathan Gaivota explodiu em pleno ar e arreventou-se contra um mar duro como pedra.

Quando voltou a si, havia escurecido há muito, e ele ficou flutuando ao luar na superfície do oceano. Suas asas em frangalhos eram duas barras de chumbo, mas o fracasso pesava ainda mais. Fraco

como se sentia, queria apenas que o peso fosse o bastante para arrastá-lo ao fundo, suavemente, e acabar com aquilo tudo. Deprimido, ali na água, ouviu uma voz cava dentro de si: Não tem jeito mesmo. Eu sou uma gaivota. Sou limitado pela minha natureza. Se fosse destinado a aprender tanto sobre vôo, teria mapas em lugar do cérebro. Se fosse destinado à velocidade, teria as asas curtas do falcão e me alimentaria de ratos, não de peixe. Meu pai é que tem razão. É voltar para casa, juntar-me ao Bando e ficar contente com o que sou, uma pobre e limitada gaivota.

A voz desapareceu, e Jonathan concordou. À noite, lugar de gaivota é na praia. A partir desse momento, jurou, seria uma gaivota normal. Todo o mundo ficaria feliz.

Uma Vitória

JONATHAN arrastou-se, fatigado, das águas escuras, e voou para terra, grato pelo que havia aprendido sobre como voar a baixas altitudes poupando forças.

Mas não, ele pensou. Aquilo tudo acabou. Tudo o que aprendi está acabado. Sou uma gaivota igual às outras, e voarei como gaivota. Penosamente, então, subiu a 30 metros e bateu as asas com mais força, em busca da praia.

A decisão de ser apenas mais um do Bando fazia-o sentir-se bem. Agora estava liberto das forças que o impeliam a aprender; não haveria mais desafios nem fracassos.

E era bom simplesmente não pensar e atravessar a escuridão na direção das luzes que brilhavam altas sobre a praia.

Escuridão! A voz cava soou em alarma. *Gaivotas jamais voam no escuro!*

Jonathan não estava prestando atenção e não ouviu. Era bom, pensava ele. A lua e as luzes piscando na água, fazendo uma trilha-zinha luminosa na noite, tudo tão quieto, tão em paz...

Desce! Gaivotas jamais voam no escuro! Se fosse para voar no escuro, teria olhos de coruja! Teria mapas em vez de cérebro! Teria as asas curtas do falcão!

Ali no meio da noite, a 30 metros de altitude, Jonathan Livingston Gaivota piscou. A dor, suas resoluções, tudo desapareceu.

As asas curtas do falcão!

Eis a solução! Mas que idiota eu tenho sido! Tudo o que preciso são umas asinhas bem pequeninas; basta encolher as minhas e voar só com as pontinhas. *Asas curtas!*

Subiu a 600 metros de altitude, e, sem um pensamento de fracasso ou morte, encolheu as asas bem junto ao corpo, deixando de fora apenas as pontas em forma de adaga estendidas ao vento, e despencou-se num mergulho vertical.

O vento passava rugindo como um monstro pela sua cabeça. Cento e dez quilômetros por hora, 140, 190, mais depressa ainda. A 220, o vento era muito menos intenso que a 110, e, com um leve toque das pontas das asas, ele saiu do

mergulho e disparou acima das ondas, uma bala de canhão cinzenta sob a Lua.

Jonathan entrefechou os olhos por causa do vento e festejou. Duzentos e vinte quilômetros por hora! Sob controle! Se mergulhar de 1.500 metros, em vez de 600, que velocidade poderei...

Suas promessas de um minuto antes estavam esquecidas, varridas por aquela ventania suave e maravilhosa. No entanto, não se sentia culpado de ter quebrado as promessas que se havia feito. Essas promessas eram apenas para as gaivotas que aceitam a rotina. Uma gaivota que tenha tocado as alturas no seu aprendizado não precisa dessa espécie de promessas.

Ao alvorecer, Jonathan estava de volta treinando. De 1.500 metros, os barcos eram pontinhos naquela mancha de água azul e o Bando não passava de uma nuvenzinha de poeira circulando.

Ele estava vivo, tremendo de prazer, orgulhoso de ter vencido o medo. Sem vacilar, encolheu as asas, deixou de fora apenas as pontas em ângulo e mergulhou direto para o mar. Quando passou os 1.200 metros, havia atingido a velocidade máxima; o vento era uma sólida barreira vibrando de sons, contra a qual não conseguia mover-se mais rápido. Estava voando em linha reta, a 350 quilômetros por hora. Engoliu em seco, sabendo que, se suas asas se abrissem a essa velocidade, ele explodiria em milhões de pedacinhos de gaivota. Mas velo-

cidade era poder, velocidade era alegria, velocidade era pura beleza.

Começou a sair do mergulho a 300 metros, as pontas das asas batendo e se agitando ao vento fantástico, o barco e o bando de gaivotas crescendo e movendo-se como meteoros na sua direção.

Não podia parar; a essa velocidade, ainda não sabia como dar a volta. A colisão seria morte instantânea. Nada mais a fazer, fechou os olhos.

Foi naquela manhã, então, logo após o nascer do Sol, que, a 350 quilômetros por hora, de olhos fechados, num espantoso rugido de penas e vento, Jonathan Livingston Gaivota passou como um foguete diretamente no centro do Bando. Mas a Gaivota da Fortuna sorriu-lhe dessa vez, e ninguém morreu.

Quando conseguiu erguer o bico para o céu, ainda disparava a uns fantásticos 250 quilômetros por hora. E, finalmente, quando chegou a reduzir para 30 quilômetros por hora e esticar suas asas, o barco era uma migalha no oceano, 1.200 metros abaixo.

Velocidade máxima! Uma gaivota a 350 quilômetros por hora! Era uma vitória, o maior momento na história do Bando, e nessa altura uma nova era se abria para Jonathan Gaivota. Voltando à sua solitária área de treinamento, encolhendo as asas para um mergulho de 2.400 metros, pôs-se a trabalhar para aprender a dar a volta.

Uma única pena da ponta da asa, ele descobriu, com uma fração de

movimento, provocava, a tremenda velocidade, uma suave curva em arco. Mas, ante essa descoberta, ficara sabendo que, a essa velocidade, mover mais de uma pena fazia-o girar como uma bala de fuzil... e Jonathan ficou sendo a primeira gaivota acrobata do mundo.

Nesse dia, não perdeu tempo em conversas com outras aves e voou até escurecer. Descobriu o *loop*, o *tonneau* lento, o parafuso invertido e outras manobras acrobáticas.

Quando se reuniu ao Bando na praia, era já noite fechada. Estava tonto e terrivelmente cansado. Apesar disso, na sua alegria, desceu num *loop*, com um *tonneau* rápido bem no momento de pousar.

Quando ouviram falar da sua vitória, ficariam loucos de alegria, pensou ele. Como a vida fica mais bonita! Em vez daquele melancólico ir e vir em busca do peixe, agora havia uma razão para viver! Podemos erguer-nos da ignorância, ser criaturas capazes e inteligentes. Podemos ser livres! *Podemos aprender a voar!*

O futuro era brilhante, cheio de promessas.

As gaivotas estavam em Reunião de Conselho quando ele pousou, e aparentemente estavam nisso já havia algum tempo. Na realidade, estavam esperando.

«Jonathan Livingston Gaivota! Ao Centro!» A voz do Ancião ecoava altamente cerimoniosa. «Ao Centro» só podia significar grande honra ou grande degradação. «Ao Centro da Honra» era como se

assinalavam os maiores líderes entre as gaivotas. Naturalmente, pensou, o Bando testemunhara sua vitória, naquela manhã! Mas eu não quero honras. Não tenho a menor vontade de ser líder. Quero apenas repartir minhas descobertas, falar nos horizontes que esperam por todos nós. Deu um passo à frente.

«Jonathan Livingston Gaivota», disse o Ancião. «Ao Centro para degradação perante os seus irmãos!»

Parecia ter levado uma paulada. Jonathan sentiu os joelhos frouxos, suas penas murcharam, os ouvidos estavam explodindo. Para degradação? Impossível! A vitória! Eles não entendem! Estão todos errados!

«...por sua total irresponsabilidade», a voz solene entoava, «violando a dignidade e as tradições da Família das Gaivotas...»

A degradação significava que ele seria afastado da sociedade das gaivotas, condenado à solidão dos Penhascos Distantes.

«...um dia, Jonathan Livingston Gaivota, você aprenderá que a irresponsabilidade não compensa. A vida é o desconhecido e o inconhecível, mas sabemos que estamos neste mundo para comer e ficar vivos o mais possível.»

Uma gaivota jamais dirige a palavra ao Bando do Conselho, mas foi a voz de Jonathan que se ouviu: «Irresponsabilidade! Meus irmãos!» gritou ele. «Quem é mais responsável que uma gaivota que descobre e persegue um objetivo mais elevado para a vida? Há mil anos que mendigamos cabeças de

peixe, mas hoje temos uma razão para viver... para aprender, para descobrir, para ser livres! Dêem-me uma oportunidade, deixem-me mostrar-lhes o que descobri!»

Era como se o Bando fosse de pedra.

«A Fraternidade foi rompida», as gaivotas entoaram em coro. Com estas palavras, tamparam solenemente os ouvidos e voltaram-lhe as costas.

O Pária

JONATHAN passou o resto dos seus dias sozinho, mas voava para muito além dos Penhascos Distantes. Seu único lamento não era pela solidão, mas pela recusa das outras gaivotas de acreditarem na glória de voar que as aguardava; recusavam-se a abrir os olhos e enxergar.

A cada dia ele aprendia coisas novas. Aprendeu que um mergulho aerodinâmico e em alta velocidade podia levá-lo a encontrar os cardumes de peixes exóticos e saborosos que nadavam três metros abaixo da superfície do mar; já não dependia dos barcos de pesca nem de pão dormido para sobreviver. Aprendeu a dormir em pleno ar, estabelecendo seu curso, à noite, ao largo dos ventos de fora da barra, percorrendo 150 quilômetros entre o nascer do Sol e o anoitecer. Com os mesmos controles internos, ele varava as pesadas neblinas, subindo para céus de estonteante luminosidade, enquanto todas as gaivotas ficavam

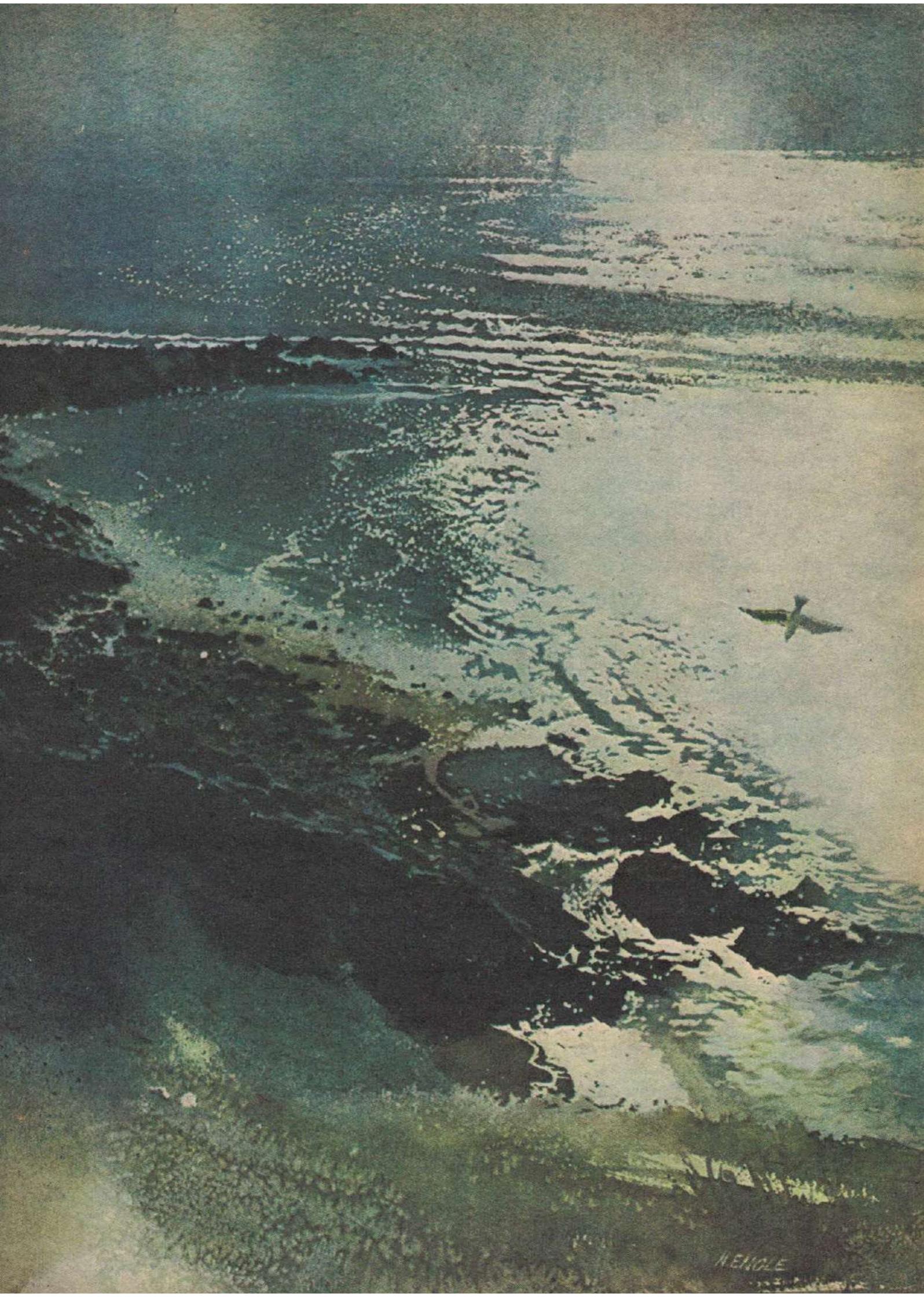
no chão, conhecendo apenas névoa e chuva. Aprendeu a servir-se dos ventos altos, voando bem para o interior, onde se alimentava de delicados insetos.

O que tinha desejado para o Bando ficava só para ele; aprendera a voar, e não lamentava o preço pago. Jonathan descobriu que a vida das gaivotas é tão curta porque é cheia de aborrecimentos, de medos e de ódios, e que, sem nada disso a perturbar-lhe os pensamentos, a vida era longa e muito, muito boa.

Elas chegaram então certa noite, e encontraram Jonathan sozinho, em paz, planando nos céus que amava. As duas gaivotas que apareceram ao seu lado eram brancas como a luz das estrelas e o brilho delas era suave e amistoso no ar puro da noite. O melhor de tudo, no entanto, era a habilidade com que voavam, as pontas das asas movendo-se, precisa e constantemente, a apenas um milímetro das suas.

Sem uma palavra, Jonathan submeteu-as ao seu teste — um teste pelo qual nenhuma gaivota jamais passara. Virou suas asas, reduzindo a velocidade a apenas um quilômetro além do mínimo para permanecer no ar. As duas aves, radiantes, reduziram com ele e mantiveram a formação. Sabiam voar lentamente.

Jonathan recolheu as asas e mergulhou a 300 quilômetros por hora. Elas mergulharam junto, mantendo a formação impecável.



W. ENGLE

Finalmente, ele deu a volta direto para o alto, num longo *tonneau* lento. As duas gaivotas viraram com ele, sorrindo. Jonathan retomou o vôo horizontal e demorou a falar. «Muito bem», disse finalmente, «quem são vocês?»

«Somos do seu Bando, Jonathan. Somos seus irmãos. Viemos para levá-lo mais alto, para levá-lo de volta a casa.»

«Casa eu não tenho, nem tenho Bando. Eu sou pária. E estamos voando agora no topo do Vento da Grande Montanha. Este meu corpo velho não pode ir mais alto.»

«Pode, sim, Jonathan, pois você aprendeu. Uma etapa está concluída, e é chegado o momento de dar início a uma nova.»

Tendo brilhado para si ao longo de toda a sua vida, uma luz de compreensão iluminou aquele momento para Jonathan Gaivota. Tinham razão. Ele *podia* voar mais alto, e *estava* na hora de voltar para casa. Seu olhar percorreu o céu pela última vez, demoradamente, aquela magnífica imensidão de prata onde aprendera tanto.

«Estou pronto», disse finalmente.

E Jonathan Livingston Gaivota ergueu-se no ar, acompanhando as duas gaivotas que brilhavam como estrelas, e desapareceu no céu perfeito e escuro.

A Perfeição

ENTÃO, *isto é* que é o Paraíso, pensou, e não pôde conter o sorriso. Não era muito respeitoso

ficar analisando o Paraíso no exato momento em que se estava voando para nele ingressar.

Deixando agora a Terra, acima das nuvens e em formação cerrada com as duas gaivotas brilhantes, notou que o seu corpo começava a adquirir a mesma luz. Não havia dúvida, estava ali o mesmo e jovem Jonathan Gaivota que sempre vivera por trás dos seus olhos dourados, mas o seu aspecto exterior havia mudado.

Era em tudo um corpo de gaivota, mas já voava muito melhor que o seu antigo corpo jamais voara. Puxa, pensava, com a metade do esforço atinjo o dobro da velocidade, faço duas vezes mais que nos meus melhores dias na Terra!

Suas penas agora eram de um branco brilhante e as asas eram macias e perfeitas como duas lâminas de prata polida. Na maior alegria, começou a descobri-las, a testar o poder das novas asas.

A 400 quilômetros por hora, achou que se aproximava da sua velocidade máxima em vôo horizontal. A 430, parecia que não passaria disso, o que o desapontou um pouco. Havia então limite para o que podia o seu novo corpo, e, embora fosse muito mais que o seu antigo recorde de velocidade horizontal, sempre era um limite. Seriam necessários grandes esforços para rompê-lo. No Paraíso, pensou, não tinha de haver limites.

As nuvens se abriram e da sua escolta gritaram: «Boa viagem, Jonathan.» Com isto, as duas

gaivotas simplesmente desapareceram no ar.

Ele voava sobre um mar, em direção a uma costa recortada. Algumas gaivotas apareciam no alto dos rochedos. Bem longe, ao norte, no próprio horizonte, voavam mais algumas.

Novas paisagens, novos pensamentos, novas perguntas. Por que tão poucas gaivotas? O céu devia estar *cheio* de gaivotas! E por que este cansaço, de repente? Gaivotas nunca devem cansar-se, nem dormir no Paraíso.

Onde teria ouvido isto? As recordações da sua vida na Terra começavam a desaparecer. A Terra fora um lugar onde aprendera muito, é claro, mas os detalhes eram nebulosos — algo sobre lutar por alimentos e ser pária.

Uma dúzia de gaivotas que estavam na praia vieram recebê-lo, mas nenhuma disse palavra. Ele sentia apenas que era bem-vindo e que aquela era a sua casa. Voltou-se para aterrar na praia, batendo as asas a fim de pairar a alguns centímetros, deixando-se logo cair suavemente na areia. As outras gaivotas desceram também, mas nenhuma bateu sequer uma pena. Entraram contra o vento, com as brilhantes asas abertas; então modificaram de alguma forma a curva das penas, até pararem exatamente no mesmo instante em que seus pés tocaram o solo. Era uma maravilha de controle, mas Jonathan sentia-se cansado demais para experimentar. Ali na praia, ainda sem

ter sido pronunciada uma palavra, ele adormeceu.

Nos dias seguintes, Jonathan viu que naquele lugar havia tanto que aprender sobre vôo como na vida que deixara para trás. Com uma diferença: as gaivotas, aqui, pensavam como ele. Para cada uma delas, o mais importante na vida era lançar-se em busca da perfeição naquilo que mais gostavam de fazer — voar. Eram pássaros magníficos, e passavam hora após hora, dia após dia, treinando, testando aeronáutica avançada.

Durante muito tempo, Jonathan esqueceu o mundo de onde viera, o lugar onde o Bando vivia com seus olhos hermeticamente fechados à alegria de voar. De vez em quando, e por um momento só, lembrava-se.

Lembrou-se numa bela manhã. Havia saído com o seu instrutor, e estavam descansando na praia, depois de uma sessão de *tonneaux* rápidos com as asas recolhidas. «Onde está todo o mundo, Sullivan?» perguntou silenciosamente, agora já bem à vontade com a telepatia fácil que essas gaivotas usavam, em vez de gritos e grasnidos. «Por que não somos mais aqui? Puxa, onde eu vivia havia milhares...»

«...milhares e milhares de gaivotas. Eu sei disso.» Sullivan balançou a cabeça. «O que sei, Jonathan, é que você deve ser uma enorme exceção, um camarada num milhão. A maioria de nós demorou um bocado a chegar aqui. Andamos

de um mundo para outro, que era quase igual, imediatamente esquecendo de onde vínhamos, sem pensar em para onde íamos, vivendo só o momento. Você tem uma idéia de quantas vidas nós vivemos até termos pelo menos a noção de que a vida era mais que comer ou lutar ou o poder no Bando? Mil vidas, Jon, dez mil! E, depois, mais cem vidas até começarmos a descobrir que a perfeição existe, e outras cem para nos convenceremos de que o nosso objetivo na vida é descobrir essa perfeição, e demonstrá-la. A mesma lei vigora para nós, aqui: escolhemos nosso próximo mundo pelo que aprendemos aqui. Não se aprende nada, e o próximo mundo é exatamente igual, com as mesmas limitações e as mesmas cargas de chumbo para vencer.»

Sullivan esticou as asas e voltou a face ao vento. «Mas você, Jon», continuou, «aprendeu tanto de uma vez que não teve de atravessar mil vidas para chegar a esta.»

Num segundo estavam de novo no ar, treinando. Os *tonneaux* por tempos, em formação, eram difíceis, pois na metade invertida Jonathan tinha de pensar de cabeça para baixo, invertendo a curvatura das asas, em exata harmonia com o instrutor.

«Vamos tentar de novo», dizia Sullivan, e de novo, sem parar. Finalmente, «agora está bom». E começaram a treinar *loops* invertidos.

Certa noite, as gaivotas que não haviam sido escaladas para vôos noturnos estavam reunidas na praia,

pensando. Enchendo-se de coragem, Jonathan dirigiu-se ao Ancião, que, constava, logo estaria deixando aquele mundo.

«Chiang...» disse, meio nervoso.

A velha gaivota olhou-o com bondade. «Sim, meu filho?» Em vez de ter enfraquecido com a idade, o Ancião se tornara mais forte: voava mais e melhor que qualquer um no Bando e aprenderá coisas que as outras só lentamente começavam a descobrir

«Chiang, este mundo não é o Paraíso, é?»

O Ancião sorria à luz da Lua. «Você está recomeçando a aprender, Jonathan», ele disse.

«Bom, e que acontece depois daqui? Aonde estamos indo? Não existe um Paraíso?»

«Não, Jonathan, esse lugar não existe. O Paraíso não é um lugar, e não é um tempo. Paraíso é ser perfeito.» Ficou em silêncio por um momento. «Você voa rápido, não voa?»

«Eu... eu gosto de velocidade», respondeu Jonathan, surpreso, mas orgulhoso, de o Ancião ter reparado.

«Você começará a tocar o Paraíso no momento em que tocar a perfeição na velocidade. E isso não quer dizer voar a mil quilômetros por hora, nem um milhão, nem voar à velocidade da luz. Porque qualquer cifra é uma limitação, e a perfeição não tem limites. Velocidade perfeita, meu filho, é a própria perfeição.»

Sem prevenir, Chiang sumiu, e reapareceu à beira da água, a uns

15 metros de distância, numa fração de segundo. Tornou a desaparecer, e, no mesmo milissegundo, estava ao lado de Jonathan. «É meio engraçado», ele disse.

Jonathan estava tonto. Esqueceu-se do que queria saber sobre o Paraíso. «Como faz isso? Qual é a sensação? Até aonde pode ir?»

«Você pode ir a qualquer lugar, no momento que quiser», disse o Ancião. «Eu fui a todos os lugares, toda a vez que me lembro.» Seu olhar percorreu o mar. «É estranho. A gaivota que troca a perfeição para ir a algum lugar não vai a parte alguma, lentamente. As que não pensam em viajar, só em perfeição, estão em todos os lugares, instantaneamente. Lembre-se, Jonathan, Paraíso não é um lugar nem um tempo, porque lugar e tempo não têm o menor significado. Paraíso é...»

«Pode me ensinar a voar assim?» Jonathan Gaivota vibrava ante a conquista de mais um desconhecido.

«Claro, se você quiser aprender.»

«Diga-me o que fazer», pediu Jonathan, e seus olhos brilhavam com uma luz estranha.

Chiang falava lentamente: «Para voar com a rapidez do pensamento, para onde quer que seja», disse, «é preciso que você comece consciente de que já chegou...»

O truque, segundo Chiang, era Jonathan deixar de se ver encerrado nos limites de um corpo que tinha 1,07 m de envergadura de asas, com uma capacidade que podia ser registrada em cartas. O truque era dar-se

conta de que a sua natureza estava por toda a parte, sempre, além do espaço e do tempo.

A Volta

JONATHAN dedicou-se com toda a força, dia após dia, do nascer do Sol até passada a meia-noite. Com todos os seus esforços, não saía de onde estava nem a distância de uma pena.

«Esqueça tudo sobre fé!» Chiang vivia repetindo. «Você não precisou de fé para voar. Precisou de compreender o que era voar. Agora é a mesma coisa. Experimente de novo.»

E um dia, parado ali na praia, fechando os olhos, concentrando-se, de repente Jonathan entendeu o que Chiang queria dizer. «Mas é verdade! Eu sou uma gaivota perfeita e sem limites!» Sentiu um grande impacto de felicidade.

«Ótimo!» disse Chiang, e sua voz era de vitória.

Jonathan abriu os olhos. Estava sozinho com o Ancião, numa praia inteiramente diferente — com árvores que iam até à beira da água e um duplo Sol amarelo dando voltas no alto.

«Você entendeu finalmente», disse Chiang, «mas precisa aperfeiçoar os controles...»

O espanto de Jonathan era grande. «Onde estamos?»

Absolutamente sem se impressionar com o ambiente estranho, o Ancião nem ligou à pergunta. «Em algum planeta, é claro, com céu

verde e uma dupla estrela por Sol.»

O grasnido de Jonathan foi de pura alegria: «Funcional!»

«Bom, é lógico que funciona, Jonathan. Funciona sempre quando se sabe o que se está fazendo. Quanto ao seu controle...»

Já era noite quando voltaram. As outras gaivotas olharam Jonathan, seus olhos dourados cheios de espanto, tendo-o visto desaparecer de onde havia muito estivera arraigado.

«Se quiser, podemos agora começar a trabalhar com o tempo», disse Chiang, «até que você possa voar no passado e no futuro. Aí estará pronto para o mais difícil, o mais poderoso, o mais divertido de tudo. Estará pronto a começar a voar para o alto e a conhecer o significado da bondade e do amor.»

Passou-se um mês, ou algo que parecia um mês, e Jonathan aprendia a uma velocidade espantosa. Sempre aprendera rapidamente, mas agora, como aluno especial do próprio Ancião, absorvia idéias novas como um dinâmico computador de penas.

Então, um dia, Chiang desapareceu. Estivera conversando tranquilamente com eles todos, exortando-os a jamais pararem de aprender, de treinar, de lutar para compreender o princípio invisível e perfeito da essência da vida. Enquanto falava, suas penas foram brilhando cada vez mais, até tornarem-se tão brilhantes que nenhuma gaivota conseguia olhar para ele.

«Jonathan», disse, e foram estas

suas últimas palavras, «continue a trabalhar no amor.»

Quando as gaivotas conseguiram olhar novamente, Chiang já não estava ali.

Com o passar dos dias, Jonathan mais e mais pensava na Terra de onde viera. Se ele então soubesse só um décimo, só um centésimo do que sabia agora, como teria tido tanto mais significado a vida! Ali, na areia, começou a pensar em se haveria lá alguma gaivota lutando para romper os seus limites, para compreender o significado de voar como algo mais que um meio de locomoção, de chegar até a uma migalha de pão caída de um barco. Talvez houvesse até uma delas feita pária por ter falado a verdade diante do Bando. E quanto mais Jonathan treinava suas aulas de bondade, quanto mais trabalhava para conhecer a natureza do amor, mais queria voltar à Terra. Apesar do seu passado solitário, Jonathan Gaivota era um instrutor nato, e a sua maneira de demonstrar amor era dando algo da verdade que conhecera a alguma gaivota que pedisse apenas uma oportunidade de poder conhecer a verdade por si mesma.

Sullivan, que, agora, estava ótimo em vôos à velocidade do pensamento e ensinava os outros, tinha suas dúvidas.

«Jon, você já foi pária. Por que acha que o ouviriam agora as gaivotas do seu tempo? Você conhece, e sabe que é verdadeiro, o provérbio: *Vê mais longe a gaivota*

que voa mais alto. Aquelas gaivotas que você conheceu estão plantadas na areia, berrando e brigando umas com as outras. Fique aqui. Ajude os que estão alto o bastante para compreender o que você lhes diz.» Ficou um momento em silêncio, e logo acrescentou: «Se Chiang tivesse voltado aos seus mundos, onde estaria hoje?»

Sullivan tinha razão: *Vê mais longe a gaivota que voa mais alto.*

Jonathan ficou, trabalhando com os novos que chegavam, todos muito espertos e aprendendo depressa. Mas não conseguia deixar de sentir aquilo, de pensar que haveria lá na Terra uma ou duas gaivotas capazes de aprender também. Como saberia ele mais, agora, se tivesse conhecido Chiang no tempo em que era pária!

«Sully», disse ele finalmente, usando o diminutivo carinhoso, «eu tenho de voltar. Os seus alunos estão indo bem, e podem ajudá-lo com os novatos.»

Sullivan Gaivota soltou uma risada que não conseguiu conter. «Você é um maluco», disse, com carinho. «Se há alguém que possa mostrar a alguém lá embaixo como se enxerga a mil quilômetros, chama-se Jonathan Livingston Gaivota.» Ficou olhando para a areia. «Adeus, Jon, meu amigo.»

«Adeus, Sully. Nos veremos de novo.» Com isto, Jonathan fixou no pensamento a imagem de grandes bandos de gaivotas em praias de outros tempos, e, tendo aprendido, sabia que não era de penas e osso,

mas uma perfeita idéia de vôo e liberdade que nada, nada limitava.

O Começo

FLETCHER LYND GAIVOTA era ainda muito jovem, mas já sabia que jamais um pássaro havia sido tão maltratado por qualquer Bando.

«Não me interessa o que eles dizem», pensava, valente, voando em direção aos Penhascos Distantes. «Voar é muito mais que ficar batendo asas daqui para ali. Isso qualquer mosquito faz. Só por causa de umas voltinhas, de brincadeira, em torno do Ancião, e fui feito pária! Será que estão cegos? Não enxergam? Não conseguem ver a maravilha que será quando aprendermos realmente a voar?»

«Não quero saber o que pensam. Vou mostrar para eles o que é voar! Se é o que querem, ser pária, não faz mal. Mas vão lamentar tanto...»

A voz surgiu dentro da sua própria cabeça, e, apesar da extrema suavidade, assustou-o tanto que ele vacilou e falseou no ar.

«Não seja duro com eles, Fletcher Gaivota», disse a voz. «Exilando-o, eles só fizeram mal a si próprios. Um dia ficarão sabendo e um dia verão o que você vê. Perdoe-os, ajude-os a compreender.»

Bem à sua direita, voava a mais brilhante gaivota branca do mundo, planando sem esforço, sem mover uma pena, a uma velocidade que era quase a máxima de Fletcher.

O jovem pássaro teve um mo-



THE ENGLAND

mento quase de pânico. «Que está acontecendo? Fiquei maluco? Que é isto?»

Suave e calma, na sua própria mente, a voz continuava, agora exigindo resposta: «Você quer voar, Fletcher Lynd Gaivota?»

«Sim, eu quero voar! Sim, voar é só o que eu quero!»

«Mas o quer tanto, que está disposto a perdoar o Bando, aprender, e um dia voltar a eles, dedicar-se a ajudá-los a compreender?»

Não dava para mentir a esse pássaro maravilhoso, por mais que fosse Fletcher Gaivota, por mais magoado que estivesse. «Quero», respondeu baixinho.

«Nesse caso, Fletch, vamos começar com o voo horizontal...»

O Mestre

OBSERVANDO, Jonathan deu lentamente a volta nos Penhascos Distantes. Aquele jovem e valente Fletcher Gaivota era o aluno quase perfeito. No ar, era forte, ligeiro e leve. Mais importante que tudo, ardia de vontade e entusiasmo de aprender.

Ali vinha ele naquele instante, ali vinha ele, rugindo, uma disforme massa cinzenta saindo de um mergulho, passando como um relâmpago pelo seu instrutor. Abruptamente, tentou de novo um *tonneau* largo, ascendente, a 16 pontos, marcando os tempos em voz alta.

«... 8... 9... 10... olhe só, Jonathan, estou perdendo velocidade... 11...

quero dar as paradas bruscas, como você... 12... mas, porcaria... não consigo... aaagg!»

A raiva e a fúria de Fletcher só pioraram a situação quando ele começou a perder altura e entrou em picada. Virou de costas, falseou e mergulhou num parafuso invertido, recuperando-se finalmente, bufando, 30 metros abaixo do seu instrutor.

«Você está perdendo o seu tempo comigo, Jonathan! Eu sou ruim demais! Tento, tento, mas nunca aprendo!»

«E não vai aprender mesmo», disse Jonathan, olhando-o lá embaixo, «enquanto cabrar tão duro. Você perdeu 60 quilômetros por hora na entrada, Fletcher. Isso tem de ser suave! Firme, mas suave, certo?» Desceu até aonde estava a gaivota jovem. «Vamos tentar outra vez, em formação. E preste atenção quando cabrar.»

Ao fim de três meses, Jonathan tinha mais seis alunos, todos párias, todos curiosos em relação a essa nova idéia de voar pelo prazer de voar.

Entretanto, era-lhes mais fácil treinar com Jonathan que perceber a razão por trás do que estavam fazendo.

«Cada um de nós», dizia Jonathan, na praia, ao entardecer, «na verdade, é uma idéia ilimitada de liberdade, e o vôo de precisão é um passo no sentido da expressão da nossa verdadeira natureza. Tudo que nos limita deve ser abandonado.»

Mas os seus alunos dormiam,

exaustos de voar o dia inteiro. Gostavam dos treinos, porque eram velozes e fascinantes, mas nenhum deles, nem mesmo Fletcher Lynd Gaivota, chegara a acreditar que o vôo de idéias pudesse ser tão real como o vôo de penas e ventos.

«Todo o corpo», dizia Jonathan, «de uma ponta da asa à outra, é nada mais que o próprio pensamento, sob forma visível. Rompam as cadeias do pensamento, e terão rompido também as cadeias do corpo.» Mas, não importa como o dissesse, soava como uma agradável ficção, e eles tinham muito sono.

Somente um mês depois foi que Jonathan disse ter chegado a hora de retornar ao Bando.

«Não estamos prontos!» disse Henry Calvin Gaivota. «Somos párias! Não podemos nos impor onde não nos querem.»

«Somos livres para irmos aonde quisermos e sermos o que somos», disse Jonathan, erguendo-se das areias e rumando para leste, em direção às terras do Bando.

Houve um momento de angústia entre os seus alunos, pois era a Lei do Bando que um pária jamais volta, e a Lei não fora desobedecida uma única vez, havia 10.000 anos. A Lei dizia fica, Jonathan dizia vá; e a essa altura ele já ia a 1.500 metros através da água. Se esperassem muito, ele teria de enfrentar sozinho o Bando hostil.

«Bem, parece-me que não temos de obedecer à Lei, se não fazemos parte do Bando, não é mesmo?»

disse Fletcher, muito à vontade. «Depois, se houver briga, estando lá podemos ajudar mais do que se ficarmos por aqui.»

Deixaram então o oeste, naquela manhã, voando em duas formações de losango, com as pontas das asas quase tocando-se. Voando a 220 quilômetros por hora, chegaram sobre a Praia do Conselho do Bando, com Jonathan liderando e Fletcher, num vôo suave, na sua ala direita. Henry Calvin esforçava-se, honestamente, à sua esquerda. A formação inteira, então, rolou lentamente para a direita, como se fosse um só pássaro... nivelar... inverter... nivelar, com o vento a açoitar.

Os grasnidos e protestos do Bando foram cortados como se a formação fosse uma faca gigantesca, e 8.000 olhos de gaivotas fixaram-nos sem piscar. Um por um, os oito pássaros subiram num *loop* completo, deram a volta inteira e pousaram de pé na areia. Então, como se o que estava acontecendo fosse normalíssimo, Jonathan passou a criticar o vôo: «Para começar», disse ele, com um sorriso matreiro, «você todos se atrasaram um pouco na largada...»

Liberdade

Foi como um raio através do Bando. Aqueles pássaros eram párias! E haviam voltado! E isto... isto não pode ser! A briga que Fletcher previra evaporou-se na confusão do Bando.

«Pois é claro, eu sei, eles são párias», disse uma das gaivotas mais jovens, «mas, meu amigo, onde foi que eles aprenderam a voar assim?»

Levou mais de uma hora até que a Palavra do Ancião fosse passada ao Bando: «Ignorem-nos. A gaivota que se dirige a um pária é também pária.»

A partir desse momento, voltaram-se para Jonathan as costas de penas cinzentas, mas ele não parecia notar. Ele deu seus treinos exatamente sobre a Praia do Conselho, e pela primeira vez começou a forçar os alunos aos limites das suas capacidades: «Martin Gaivota! ouvia-se seus gritos através do céu. «Você diz que sabe voar a baixa velocidade. Só acredito vendo! *Voe!*»

Foi assim que o quieto e pequeno Martin William Gaivota se viu apanhado no fogo do seu instrutor, surpreendeu-se a si próprio e tornou-se espetacular em baixa velocidade. Ao vento mais suave, ele era capaz de, sem uma batida de asas, curvar as penas e erguer-se das areias às nuvens, ida e volta. Da mesma forma, Charles-Roland Gaivota navegou o Grande Vento da Montanha até 7.300 metros de altitude, e desceu, azul de frio, mas encantado e feliz da vida, decidido a voar ainda mais alto no dia seguinte.

Fletcher Gaivota, que era louco por acrobacias, aprendeu a fazer o *tonneau* largo ascendente em 16 tempos, e no dia seguinte foi mais além, com um leque tríplice, suas asas brancas despejando reflexos de

sol sobre uma praia da qual mais de um olhar furtivo o espiava.

Jonathan estava o tempo todo ao lado dos seus alunos, mostrando, sugerindo, pressionando, orientando. Voava com eles através da noite, das nuvens, de tempestades, unicamente pelo prazer de voar, enquanto o Bando ficava miseravelmente cravado no chão.

Quando acabavam de voar, os alunos repousavam na areia, e, com o tempo, iam prestando mais atenção a Jonathan. Pouco a pouco, à noite, outro círculo foi-se formando à volta do círculo de alunos — um anel de gaivotas curiosas, que ficavam ouvindo horas na escuridão, não querendo ver nem serem vistas, debandando antes do amanhecer.

Foi um mês depois da volta que a primeira gaivota do Bando criou coragem e disse que queria aprender a voar. Tendo pedido, Terence Lowell Gaivota tornou-se um pássaro condenado, pária, o oitavo discípulo de Jonathan.

Na noite seguinte, às quedas pela areia, arrastando a asa esquerda, apareceu Kirk Maynard Gaivota, que desmaiou aos pés de Jonathan. «Ajude-me», falou baixinho, como falam os que vão morrer. «Mais que tudo na vida, eu quero voar.»

«Venha, então», disse Jonathan. «Deixe a terra comigo e vamos começar.»

«Você não entende. Minha asa... não posso mover minha asa.»

«Maynard Gaivota, você é livre para ser você mesmo, o seu eu verdadeiro, aqui e agora, e nada

pode impedi-lo. É a Lei da Grande Gaivota, a Lei Que É.»

«Quer dizer que posso voar?»

«Quero dizer que é livre.»

Simplesmente, rapidamente, como se nada mais houvesse, Kirk Maynard Gaivota abriu as asas, sem esforço, e alçou vôo na noite escura. O Bando foi despertado pelo seu grito, a plenos pulmões, que vinha de 150 metros de altura: «Eu posso voar! Ouçam! Eu posso voar!»

Ao amanhecer, quase mil pássaros rodeavam os alunos, olhando, examinando Maynard com curiosidade. Não se importavam de serem vistos, e prestavam atenção, tentando compreender o que dizia Jonathan Gaivota.

Ele falava de coisas muito simples — que uma gaivota tem direito de voar, que a liberdade é da própria natureza do seu ser, o que se atravessar no caminho dessa liberdade deve ser afastado, seja rito, superstição ou limitação de qualquer espécie.

«Afastado», ouviu-se da multidão, «mesmo que seja a Lei do Bando?»

«A única lei verdadeira é a que leva à liberdade», disse Jonathan. «Não existe outra.»

«Como espera que voemos como você?» ouviu-se outra voz. «Você é especial, tem o dom, é divino, está acima do resto.»

«Olhem para Fletcher, Lowell, Judy Lee, Charles-Roland! São eles também especiais e divinos? Têm dons? Não mais que vocês, ou eu! A única diferença é que começaram a compreender o que são

realmente e começaram a treinar.»

Seus alunos, à exceção de Fletcher, mostravam-se inquietos. Não haviam percebido que isto era o que vinham fazendo.

A multidão era cada dia maior. Vinham inquirir, idolatrar, escarnecer.

A Morte

ACONTECEU exatamente uma semana depois. Fletcher estava demonstrando os elementos do vôo em alta velocidade a uma turma de novos alunos. Acabara de sair de um mergulho de 2.000 metros de altura, uma longa flecha cinzenta disparando a alguns centímetros da praia, quando um jovem pássaro, no seu primeiro vôo, planou diretamente no seu curso, chamando pela mãe. Com apenas um décimo de segundo para evitar a gaivotazinha, Fletcher Lynd Gaivota desviou abruptamente para a esquerda, e foi espatifar-se a 300 quilômetros por hora num rochedo de puro granito.

Para ele, era como se o rochedo fosse o portal gigantesco e duro de um outro mundo. Um tremor de medo, o choque, e logo ele estava flutuando num céu estranho, esquecendo, lembrando, esquecendo, com medo, triste, com pena, com muita pena.

Ouviu a voz, como no dia em que conhecera Jonathan Livingston Gaivota: «O problema, Fletcher, é que nós temos de tentar superar as nossas limitações de maneira

ordenada... pacientemente. Voar através da rocha, a gente só começa numa fase mais avançada do programa.»

«Jonathan! Que está fazendo aqui? O rochedo! Eu não... morri?»

«Ora, Fletch, deixa disso. Pensa, rapaz. Se está falando comigo, é claro que não morreu. O que você fez foi modificar o seu nível de consciência... um pouco abruptamente, digamos. Você agora pode optar: pode ficar aqui e aprender neste nível — que já é bem mais elevado que o que deixou — ou voltar e continuar trabalhando com o Bando. Os Anciãos estavam à espera de algum desastre, e estão encantados de que os tenha atendido tão completamente.»

«Quero voltar ao Bando, é claro. Mal comecei com uma nova turma.»

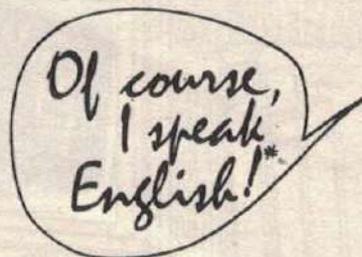
«Muito bem, Fletcher. Lembra-se do que estivemos conversando, do nosso corpo não ser mais que o próprio pensamento?»

Fletcher balançou a cabeça, esticou as asas e abriu os olhos na base do rochedo, bem ao centro do Bando inteiro reunido. Quando se mexeu, ouviu-se um enorme clamor de gritos e grasnidos.

«Ele vive! O que estava morto vive!»

«Tocou-o com a ponta da asa! Ressuscitou-o! É um demônio! Demônio! Veio para destruir o Bando!»

Havia 4.000 gaivotas na multidão, assustadas com o que acontecera, e o grito de demônio percorreu-a como vento numa tempestade no



*Claro que eu falo inglês!

Why don't you?*

*E você, por que não fala?

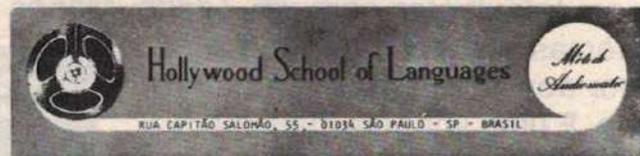


O HOMEM QUE FALA DOIS IDIOMAS VALE POR DOIS.

Napoleão Bonaparte

APRENDA INGLÊS PELO MÉTODO AUDIOMATIC:

Você estuda a lição; responde ao exame; ouve o exercício gravado; repete a audição, pronunciando junto com o professor; grava o exercício com sua voz e remete-nos (se quiser) a fita gravada para nossa apreciação. Esse é o método AUDIOMATIC da Hollywood School of Languages. Conheça-o (é o único com gravador) e comece a valer por dois.



HOLLYWOOD SCHOOL OF LANGUAGES, Depto.
Rua Capitão Salomão, 55 - Cx. Postal 30.663 BHS-12/2
01034 São Paulo, SP
Queira enviar-me GRÁTIS seu catálogo a cores explicando como aprender a FALAR inglês pelo método AUDIOMATIC.

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ ZP _____
Cidade _____ Estado _____

mar. Os olhos vidrados, os bicos aguçados, atiraram-se para destruir.

«Acha melhor a gente partir, Fletcher?» perguntou Jonathan.

«Não acho muito ruim, não...»

Instantaneamente, estavam juntos a 750 metros de distância, e no que a multidão se arremessava era o vazio.

Jonathan estava confuso: «A coisa mais difícil do mundo é convencer um pássaro de que ele é livre e de que pode comprová-lo ele próprio bastando apenas treinar um pouquinho. Por quê? Por que há de ser tão difícil?»

Fletcher, piscando, ainda não acostumara os olhos à nova paisagem. «Que foi que você fez? Como viemos parar aqui?»

«Você disse que queria cair fora da multidão, não foi?»

«Sim! Mas, como você...»

«Como tudo, Fletcher. Treino.»

O Amor

AO AMANHECER, o Bando havia esquecido sua própria insanidade, mas Fletcher não esquecerá: «Jonathan, está lembrado do que disse, há muito tempo, sobre amar o Bando o bastante para voltar e ajudá-lo a aprender?»

«Lembro muito bem.»

«Não compreendo como pode amar uma turba de pássaros que ainda há pouco quis matá-lo.»

«Ora, Fletch, a gente não ama isso! Não se ama o ódio e o mal, é lógico. É preciso treinar e enxergar a gaivota verdadeira, o lado bom



LOOK FOR
THE
SHEAFFER
"WHITE DOT"

De tudo o que se pode dar em
prata só um presente tem o
«Ponto Branco»

Da coleção «Ponto Branco», da
Sheaffer, a Silver Imperial. Fabri-
cada segundo a tradição dos melho-
res instrumentos de escrita do mundo.

SHEAFFER
the proud craftsmen

SHEAFFER, WORLD-WIDE, A **textron** COMPANY

de cada uma delas, e ajudá-las a descobrirem-se a elas mesmas. É a isto que chamo amor. É divertido, quando se toma o gosto.

«Lembro-me de um pássaro jovem e valente, por exemplo — seu nome era Fletcher Lynd Gaivota. Acabara de ser feito pária, estava pronto a lutar até à morte contra o Bando, começara a construir o seu próprio e amargo Inferno nos Penhascos Distantes. E ei-lo aqui, em vez disso, hoje, construindo o seu próprio Paraíso e guiando o Bando todo na sua direção.»

Fletcher voltou-se para o seu instrutor, e havia uma fagulha de pavor nos seus olhos: «*Eu*, guiando? Que quer dizer com isso de *eu* guiando? Você é que é o instrutor aqui. Não pode ir embora!»

«Não posso? Não acha que possam existir outros Bandos, outros Fletcher, que precisam de um instrutor mais que este aqui, que está a caminho da luz? Você já não precisa de mim. Você precisa continuar a descobrir-se — o verdadeiro, o ilimitado Fletcher Gaivota. Ele é o seu instrutor. Precisa compreendê-lo e treiná-lo.»

Num momento, o corpo de Jonathan levantou-se no ar, oscilou, brilhando fracamente, e começou a ficar transparente «Não permita que espalhem tolices a meu respeito ou que façam de mim um deus. Entendeu, Fletcher? Eu sou uma gaivota. Gosto de voar, talvez...»

«Jonathan!»

O brilho cessou. Jonathan Livingston Gaivota desaparecera.

PASSADO algum tempo, Fletcher Lynd Gaivota arrastou-se para o céu e enfrentou um novo grupo de alunos, ansiosos pela sua primeira lição.

«Para começar», disse ele, sombrio, «vocês têm de compreender que uma gaivota é uma idéia ilimitada de liberdade, à imagem da Grande Gaivota, e que todo o vosso corpo não é mais que o vosso próprio pensamento.»

As jovens gaivotas olhavam-no sem compreender. Oh, meu amigo, pensavam elas, isso não está parecendo um princípio de *loop*.

Fletcher suspirou e começou de novo: «Hmm... Ah... muito bem», disse, e analisou-os com olho crítico. «Vamos começar com vôo horizontal.» Ao dizê-lo, compreendeu num relance que o seu amigo, honestamente, não fora mais divino que ele próprio.

Ilimitado, Jonathan?, pensou. Bom, nesse caso, não demora muito e eu caio do céu na *sua* praia, e dou-lhe uma áulinha de vôo!

Embora tentasse parecer severo como lhe competia diante dos alunos, subitamente Fletcher Gaivota viu-os como eram realmente, por um momento apenas, e não gostou, mas amou o que estava vendo. Ilimitado, Jonathan?, pensou, e sorriu. Começava a sua corrida para aprender.

(Tradução de Adriano Bastos)